

18-11-2021

SÁBIOS DAS TREVAS

Chiara Lages

[Bibliotecária]

A Idade Média (476-1453 d.C.) tem sido associada ao obscurantismo do des-governo bolsonarista. A "era das trevas" - apelido que generaliza a profunda desorganização sociopolítica consequente à extinção do Império Romano do Ocidente, o mercantilismo, o feudalismo - durou 1000 anos e foi bastante heterogênea em espaço (geográfico, étnico, político e cultural), condições e práticas sociais. A comparação com os retrocessos tenebrosos que vivenciamos atualmente é injusta. Do século 9 em diante, o conhecimento avançou no Império Bizantino¹ (ou Islâmico), como na Bagdá [hoje no Iraque], onde amantes da arte de preservar e valorizar escritos traduziram livros do grego, sânscrito, siríaco e persa para o árabe e também latim. Obras de Aristóteles, Hipócrates, Galeno, Ptolomeu chegaram até nossos dias por essas traduções. No centro de tradução e produção de conhecimento - Casa da Sabedoria em Bagdá - esses tratados foram traduzidos e, pela integração de saberes de diversas fontes, criados novos conhecimentos (veja). Pensadores, poetas, pessoas de saberes seculares reuniam-se nessa Casa e, cultura, ciência e arte, "tudo junto e misturado", inovavam, criavam novas epistemes. Ainda no Medievo (século 12), na Escola de Tradutores de Toledo - mais conhecida no Ocidente - aconteceria a posterior tradução para o latim. Na Toledo [cidade da atual Andaluzia/Espanha] e na Península Ibérica [Al Andaluz] da época falava-se árabe [idioma oficial do Império Islâmico]. Assim, algumas palavras/expressões árabes foram incorporadas ao vocabulário europeu pela fonética e chegaram ao vocabulário português². O legado greco-romano-árabe foi preservado e transmitiu-se ao Ocidente graças a essas traduções e à sabedoria dos polímatas [estudiosos de múltiplos saberes]. Dentre estes, Avicena, Rhazes, Abulcassis e Averróis. Avicena² ["Ibne Sina"] (Bukhara³, cerca de 980 - Hamadã/Irã, 1037) era reconhecido como um dos mais importantes sábios do mundo islâmico. Sua reputação como médico clínico ultrapassou fronteiras no espaço e no tempo.

Sua obra "*O Cãnone da Medicina*", traduzida do árabe para o latim por Gerard de Cremona (da Escola de Toledo) no século 12, integrou o currículo dos cursos médicos ocidentais até final do século 17.

Antes porém..., para escrever *O Cãnone*..., Avicena traduziu do grego o "*Compêndio Médico em Sete Livros*", do médico greco-bizantino Paulo de Égina (625-690 d.C.), que também traduziu (emendou e acrescentou trechos) Hipócrates (460 a.C.-370 a.C.) do grego para o árabe (veja).

Essa deliciosa sequência de traduções ilustra uma peculiaridade inerente à construção, transformação e transmissão do conhecimento.

Em cada leitura-tradução-releitura, novas interpretações advindas da troca de saberes entre os autores e suas culturas são elaboradas numa permanente dinâmica. O oposto - destruir acervos - como no descaso com museus consumidos em incêndios e guerras - é dilapidar o conhecimento.

"O conhecimento de qualquer coisa, dado que todas as coisas tem causas, não é adquirido ou conhecido por completo

a menos que seja conhecido por suas causas." (Avicena)

Avicena escreveu em torno de 200 obras sobre metafísica, teologia, psicologia, geociências, física, astronomia, astrologia, química e um manual de medicina em versos.



O Cãnone da Medicina (Avicena, séc. XI)
<https://www.wdl.org/pt/item/15436/view/1/1/>

"*O Cãnone da Medicina*", uma das obras medievais mais reconhecidas, está organizado em cinco livros: 1º) Generalidades (princípios básicos da medicina); 2º) Matéria Médica (lista 800 medicamentos simples de origem vegetal e mineral, fontes, indicações terapêuticas e efeitos); 3º) Doenças da cabeça aos pés (doenças, sinais e sintomas, referentes a cada órgão); 4º) Doenças não específicas de

órgãos (condições médicas que afetam todo o corpo, como febres e venenos); 5º) *Drogas compostas* (lista 650 compostos medicinais, seus usos e efeitos) (veja).

A clara distinção e utilização de preparações medicamentosas simples e compostas gerava debates. Antes mesmo de Avicena, outro polímata - Rhazes (Teerã, 865-925 d.C.) - que exercia a Medicina em Bagdá foi um crítico da "polifarmácia" [compostos medicamentosos] e priorizava o emprego de dietas e de medicamentos simples.

"Se um médico pode tratar com dietas, sem medicamentos, ele terá sucesso.

Caso contrário, deve usar medicamentos simples, não compostos." (Rhazes)

Menos conhecido que *O Cãnone* de Avicena, mas também referência para a medicina ocidental até final do século 18, está o tratado ilustrado de procedimentos cirúrgicos de Abulcassis (936-1013 d.C.) - médico, farmacêutico e cirurgião inovador de Córdoba/Andaluzia - (veja).

Mais jovem e irreverente que os polímatas citados, Averróis (Córdoba, 1126 - Marraquexe/Marrocos - 1198) gerou controvérsias. Nascido em família de eminentes juristas, estudou direito islâmico, jurisprudência, linguística, teologia, filosofia, medicina etc. Suas traduções para o latim e o hebraico das obras de Aristóteles despertaram grande interesse no Ocidente.

Foi nomeado médico e jurista da corte mas terminou seus dias exilado.

Considerado importante conhecedor e comentarista de Aristóteles, defendia a ideia da "*existência do mundo independente de Deus*". Sua afirmação de que no Corão [livro sagrado do Islã] "*há verdades óbvias para o povo, místicas para o teólogo e científicas para o filósofo*" e que, "*em caso de conflito entre essas verdades, os textos do Livro devem ser interpretados em sentido figurado*" (veja) era no mínimo desconfortável. O mundo islâmico, profundamente religioso, cujos ritos mágico-religiosos misturavam-se à filosofia greco-árabe, reagiu ao pensamento independente de Averróis. Reação compreensível no período medieval e no império islâmico. Espantoso é constatar o 'negacionismo' das "verdades científicas" e o 'negacionismo' das "verdades místicas", pelo des-governo do mito, contra o crédulo povo brasileiro.

"Uma proposição pode ser teologicamente falsa

e filosoficamente verdadeira e vice-versa." (Averróis)

Esse olhar pela janela da história revela que o Medievo foi um período criativo de integração de conceitos, culturas, civilizações, valorização do registro de conhecimentos que supera em muito a crença sedimentada no imaginário coletivo ocidental do 'obscurantismo medieval'.

Das entrelinhas desses polímatas árabes, aqui ilustrados pelos mais famosos, nasce mais do que conhecimento. Percebe-se que somos um mosaico de todos esses saberes, com peculiaridades e identidades, mas únicos em nossa construção humana. Por isso, eu disse que "*A comparação com os retrocessos tenebrosos que vivenciamos atualmente é injusta.*" Hoje, no Brasil, temos as trevas da Idade Média, sem os sábios. Todos são exterminados pelo governo.

■ ■ ■

Notas: 1. Norte da África e Oriente Médio // 2. No idioma árabe, já existia o artigo neutro 'AL' (A ou O) que originou palavras como almanaque e alferes. // 3. Atual Uzbequistão (veja). // 4. No Império Bizantino Oriental, Bukhara (atual Uzbequistão) foi capital na Dinastia Samanid (iraniano sunita) que rivalizava com Bagdá nas ciências, artes e cultura.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.